

O SARDÃO

PUBLICA-SE NOS DIAS EM QUE SAÍR

EDITOR, DIRECTOR E PROPRIETARIO

Antonio J. Cachada

Redacção e administração

R. D. Antonio Barroso, 63, 1.º andar

Composição e impressão

«EMPRESA TIPOGRAFICA»—Barcelos

FOLHA ILUSTRADA COM ASPIRAÇÕES A HUMORISTICA

A NOSSA DIVISA—Trazer a cobrança em dia, para conhecer os bons pagadores

6.º ANO

Barcelos, Outubro de 1915

N.º 51

Como d'antes

Nós somos aqueles que, com outros companheiros que ainda por aí estão, combatíamos ha seis anos — não é o tempo tanto, — num jornal a que demos o titulo de «Despertar», os abusos do clericalismo e o dominio do jesuitismo, então espalhado por todo o paiz.

Pois porque somos os mesmos e não virámos a labita como tantos que conhecemos, é que vamos falar neste pequeno bocado de prosa com pretensões a artigo, do que por esta terra se está vendo no tocante a religião e praticas religiosas.

Diz-se que o governo da segunda republica fundada em 14 de maio, agora no poder, é da grei do snr. Afonso Costa e, por conseguinte, rubro republicanas as suas autoridades.

Em Barcelos, toda a gente o sabe, o administrador manhoso que temos, nunca foi republicano nem o é ainda, muito embora o resto dos adesivos como ele, berrem que sim. E' apenas um arranjista de maus feitos, como todos os raquiticos, a quem a politica e as mulheres fazem andar a cabeça á roda.

Mas vamos ao caso. Estando, como se diz que está um governo democratico (só no nome) no poder, e sendo as autoridades tidas até como demagogicas, como é que em Barcelos e depois de publicada uma Lei de Separação da Igreja, que tudo regula, se consente que na Igreja Matriz haja todos os dias, desde o nascer do dia até ser bem noite, sessões permanentes de cantigas, canções, confissões, missas, praticas

e demais embustes, que continúam a fanatizar e embrutecer os ingenuos que ali correm pressurosos na ancia de conquistar o ceu?

Aos domingos então, creanças ás centenas aí se vêem a aprender resas, a entoar loas, enquanto as escolas durante a semana jazem ás moscas.

Continua-se a preparar uma geração de imbecis, continua-se a educar caracteres maleaveis e duvidosos e a infiltrar nas tenras vergonheas humanas o feitio jesuitico, de que estão encarregados uns agentes mascarados, como o tal fradinho padre Zé e um outro, de quem não sabemos o nome, conhecido por Gaio-las.

E note-se que não é só na Matriz que este constante cinematografo funciona. Outros nichos ha, como um ali para os lados do Largo do Bomfim, que tange a cabra logo de manhã e mantem o fogo sagrado das confissões durante a semana, graças á bolsa duma fanatica rica, sua proprietaria.

O nosso administrador, historico republicano de ha dois dias, essa mumia que todos vemos passar de pasta debaixo do braço a caminho da administração, não vê nada disto porque ante si só existem as urnas, os votos e maioria a seu favor, ainda que seja á custa de bombas.

Que se fechem as igrejas? Não.

Respeitem-se as crenças, mas correm-se os abusos.

Estamos como d'antes, se não estamos peor que d'antes.

Assim falam os *talassas* do «Sardão» aqueles que pela sua independencia podem dizer-las de cara e bem alto, seja a quem fôr, não tregiverando no caminho que sempre seguiram de, pela verdade, não conhecerem obstaculos.

OUVIMOS ALUMIAR

Segundo ouvimos contar, por que nada vimos por mais que buscassemos, parece que num dos domingos do passado Setembro, se realisou uma *excursão republicana* a esta vila, depois de alguns adiamentos para que o Estabareda aqui estivesse afim de a receber com um eloquente e arrebatador discurso, de seiscentas asneiras e quatro parellhas, que se não realisou.

O nosso informador diz que o *comboio extraordinario* que aqui passa diariamente ás 10 e meia da manhã, se compunha de setecentas carruagens *jotas* com as respectivas argolas, fóra a maquina e o *fourgon*.

Quando a locomotiva entrava nas agulhas, uma girandola de trez morteiros cujo estampido se fez ouvir na gare da estação, anunciou por montes e vales a chegada dos salvadores da patria, que, ávidos de confraternisarem com o sumo da parra, organisaram um extremo cortejo em que se viam representadas todas as associações, irmandades, autoridades e corporações.

Este cortejo, medido a palmo, devia atingir aproximadamente o comprimento do Paes de Faria calçando botas sem tacões.

A recepção, feita pelo historico se Zezinho, vulgo Zé Mula, ultrapassou as raías... galegas e pronunciou tão sentidas palavras, soltou tão calorosos vivas, que estancou a agua no chafariz do Largo da Igreja, e o mijadeiro do mesmo local se sentiu entupido!

Um delirio.

Satisfeitissimos com todas estas demonstrações festivas e sempre acompanhados pela banda de musica dos voluntarios do silencio, foram então os *inlustrés* visitantes confraternisar com a culinaria do Miguel de Gual deixando o Seleiro desapontado e a rogar-lhes pragas.

Tambem nos dizem que no Campo da Feira, ex de D. Manuel II, e actual da Republica, se realisou um desafio de *foot-ball* de lingua, entre duas sufragistas que, tendo visto o quanto tinha decorrido desanimado o comicio do teatro e tendo achado de pouco efeito os tropos proferidos pela *pleiáde* historica, quize-

ram por sua conta, ao ar livre e a ple-nos pulmões, fazer um outro comício so-bre educação cívica. Muito bem.

O se Zezinho, vulgo o Zé Mula, não mais tornou a ser visto após a recepção, onde parece teve uns agradecimentos pouco lisongeiros.

A retirada fez-se á formiga, n'uma brilhante marcha *aux flambeaux* com ss e bordos ao longo da avenida, sem in-cidentes de maior.

Foram estes os informes colhidos pe-lo nosso espia, que, embora deficientes dão comtudo uma palida ideia do que foi essa luarenta manifestação de con-fraternisação democratica.

Sentimos não poder dizer muito mais, mas como a «Era» é o jornal do parti-do, certamente ainda virá um dia a dar a noticia tão feliz e bem sucedido passeio.

CONTOS DA CAROCHINHA

*Vou-vos contar as façanhas
Que d'esta vez cometi.
Que de coisas tão estranhas!
Que coisas que nunca vi!*

*Montado n'um burro em pêlo,
Eu parecia Sancho Pança!
Chamavam-me D. Bacêlo,
Pela minha muita chança*

*Era tido e era havido,
Como pandego, toleirão;
E no mundo conhecido,
Como mais parlapatão.*

*Das proesas praticadas,
Das mortês e fermentos,
Dizem as calças furadas,
No sítio dos.....*

*Mas a maior aventura,
Foi aquela retirada...
(Fiz as coisas com cordura).
Não viesse uma lambada.*

*E no final d'isto tudo,
Segunda entrega d'espada!
Um verdadeiro entrudo;
Verdadeira patascada.*

Anedocta autentica

Na ultima festa da crisma que o reve-rendissimo *Gaiolas*, mandou celebrar e para que veio expressamente da terra dos tres p o snr. primaz das hespanhas, deu-se um engraçado episodio que não resistimos á tentação de oferecer aos nos-sos numerosos e castos leitores.

Entre as meigas devotas que concor-

reram pressurosas á muda do chamadoi-ro, com um simples aceno de mão e uma libidinosa e prometedora palmadinha na rosada cara da pretendente, uma apare-ceu toda vergonha e pudôr que nem uma Vestal da Roma antiga.

Depois de ajoelhar e se ter persigna-do tantas quantas vezes manda o cate-cismo do Santo Fradinho de Barceli-nhos, disse d'olhos poisados no chão como a Margarida, quando ri e quando passa para a fonte, que queria outro no-me, pois reputava um peccado mortal continuar a usar aquele com que incons-cientemente a tinham baptisado.

Mas então, meu anjo! Assim lhe de-ram um nome tão feio e tão falto de reli-gião que precise substituil-o?...

E' verdade, snr. primaz,
Ora, ora, isso ha-de ser o mafarrico que entrou com a menina!...

Creia que não; é o nome, simplesmen-te o nome que me não deixa socegar...

Mas, como se chama?
Maria do Sacramento, senhor pri-maz...

E então é a minha linda que preten-de trocar um nome tão bonito e santo como esse!?

Eu sim, senhor primaz; e sim, por-que não posso concordar com que o Sa-cramento se ponha nas mulheres!...

Póde lá sêr!... Uma coisa tão santa e honesta, que devia ser altamente vene-rada, trazida, assim com toda a impunida-de, para nome de pessoas sem temôr pelas penas do inferno!

Considero isso um sacrilegio; uma falta enorme, para com os santos concilios de Roma.

E o caso é que lhe foi mudado o no-me; e passados dias a *Cruzada*, publica-va uma pastoral, prohibindo que o Sa-cramento se tornasse a pôr nas mulheres.

GAZETILHA

EU PECADOR...

(NO PAPA ASSUCAR D'ALAMBICQUES)

*Sei que n'este mundô o que é preciso
E' ser-se sem vergonha e descarado,
Pois que, se eu me fizer de ajuizado,
Perco tempo, latim, feitio... juizo.*

*Entretanto, muitas vezes indeciso
Me vejo, e seriamente embaraçado,
Sem saber se devo ser morigerado
Ou se devo proceder com pouco sizo.*

*Nunca tive escrupulos nem consciência,
E, quando acaso dá-se tal pendência,
Ponho sempre de lado a honestidade.*

*Não tenho, saibam, pois, nenhum criterio
E se algumas vezes faço de homem sério,
E' pra podêr roubar mais á vontade!*

Zé da Luz.

Triste pio...

Chegam-nos uns rumores vagos de que ali para os lados do quartel, no ulti-mo andar d'uma casa que faz quina, apparecem, depois do toque de recolher, almas do outro mundo, que trazem em constante sobresalto os povos do bair-ro.

E o caso é que se afirma que a ho-ras mortas da noite, quando o pacato barcelense dorme a sono solto, se veem uns signaes rubros como as palavras do *Estabareda* e os chavelhos do dêmo, que são dirigidas ao posto *semafórico-receptôr* que fica á beira do Cavado, e, onde se encontram as *shneider-kanet* do campo intrincheirado da Fonte de Baixo.

Muito se tem feito com o fim de afu-gentar o maldito mafarrico, mas infructiferamente.

Um d'estes dias, segundo nos infor-maram, a conceituada cartomante Emi-linha da Roda, depois de conveniente-mente apamentada com as suas vestes de sacerdotisa do amôr livre e de ter queimado incenso e um raminho de ale-crim, deitou as cartas a vêr se conseguia atrahir ao seu doce ninho, a alminha perdida que assim andava a padecer.

Parece no entanto, nada ter arranjado, pois as cartas eram mudas como o nosso senador *de gesso*.

Sendo inuteis todos estes preparati-vos, resolveram organizar uma *peligrina-ção* sob o patrocínio do *Gaiolas*, á Senho-ra da Aparecida, acompanhada do *que-remos Deus que é nosso rei*, cantado pe-las irmãs de Maria, de Arcuzelo e por uma salva de *ora vae tu*, tocada pelo Larôla no carrilhão dos Terceiros.

Porém, nem assim a macabra apari-ção deixa de comparecer á costumada sessão nocturna.

Mas a coisa está a tomar um character bastante sério, sendo certo que os habi-tantes das ruas proximas estão dando o *triste pio* com a historia.

Tambem ficaram igualmente sem exi-to algum, umas investidas a que procederam uns *moinantes* cá da terra, depois do classico e imprescindivel *arreamento do calhau*.

Embora estes *mêcos* se fizessem acom-panhar das *metralhadoras* locais, afim de dar caça ao atrevido *mifestofelês*, o caso é que nada viram tambem, não por falta de coragem, mas por se terem da-do ao deleite do manejo das *metralha-doras*.

Nós nada podemos fazer, porque se-não, estamos certos que a alminha pe-nada cahiria na rêde, embora muita gente dêsse depois, o *triste pio*...

Mas calemo-nos até vêr...

5 de Outubro

A gloriosa data da fundação da primeira republica portugueza, foi aqui festejada com o regosijo e brilho que os *historicos e genuinos republicanos actuais* lhe souberam imprimir e que bem traduziram o quanto se sentiam felizes e contentes as almas dos nossos autenticos republicanos democraticos dirigentes.

Eis o programa:

Ao meio dia, doze badaladas no sino do relógio da camara.

Ao toque de trindades, mais doze badaladas no sino do relógio da camara.

A' noite, dois funebres lampeões de azeite nas janelas do se Zezinho.

Acham pouco?

Não que os tempos correm bicudos...

Pobre cinco de outubro! O que te vale é vir aí o quatorze de maio que é logo depois das Cruzes e ainda haver mastros pelas ruas, senão o funeral estava feito.

4.ª DENUNCIÇÃO

Permita o sôr Albino que o parodiemos nas suas muito justas denúncias, vindo tambem lembrar-lhe um outro abastado sem descendencia, ali dos lados da Granja que igualmente deixou morrer na miseria, pelo menos dois dos seus parentes.

A uma valeu-lhe a caridade publica, ao outro a Associação Humanitaria de Socorros Mutuos Barcellinense.

Não sabemos se nos compreende, mas se quizer mais informes vá perguntar ao José de Beça, proprietario dos *meninos a dormir e do palacete muzeu.*

Limpeza no frontispicio

Quasi nos *humedeciamos* de riso quando o outro dia avistamos o se Zezinho sem aquele adorno peludo que lhe encobria o labio superior e lhe dava um certo ar de respeito.

Tivemos desejos de nos chegar humildes á beira de sua senhoria e

apróguntar-lhe qual seria o desgosto que o levou a tomar tão extranha resolução, mas com medo que ele nos achatasse com um murro contivemo-nos pacientes.

Qual seria pois a causa?

Algum microbio que lhe cortava a raiz?

Parasitas que lh'o povoavam?

Erupção cutanea que lhe fazia comichões?

Embaraço ao comer algum *linguado*?

Imposição feita pela carbonaria?

Medo de que lhe ardessem as barbas?

Promessa feita á freirinha de Vianna?

Resolução de entrar n'algum convento?

Por ser irmão da Ordem Terceira de S. Francisco?

Para melhor poder morder de furto?

Para atrair a si os padres?

Para passar por padre e arranjar confessadas?

Para se disfarçar e mais tarde dizer que nunca foi democratico?

Não sabemos!

Os nossos leitores, se o souberem mandem-no-lo dizer que no proximo numero publicaremos a resposta.

Como premio a pessoa que acertar terá uma engraixadela de botas á nossa custa, feita pelo Pírolé.

MUZEU

A *zorra celeste* do Pacho.

O *circo* infantil do Serra Micáca.

O *jaleco* preservativo do Mourão.

O manchado tapete do Janota.

Os vidros semi-foscos da relojoaria Izidro.

A formiga do formiga Valença.

O descanço arte-nova do gasometro da Parreira.

A cartola apenicada do dr. *Bocayuba*, delegado interino.

O *bri-á brác* da estante do procurador Santos.

O *insuspeitissimo* do correspondente do «Comercio do Porto».

O chapéu á contratador de gado do Elizeu.

CARTA DE BARCELINHOS

Barcelinhos, 20—10—1915

Ao principiari esta que vae regadinha a copos do rascante de Torres, tenho a honra de vos participar que cada vez estou peor da bôlha.

Não era minha intenção continuar a escrever para «O Sardão», mas como depois de vir do Amparo, o Nabiça, meu medico assistente, me aconselhou a que não abandonasse a imprensa, eis-me novamente nas lides jornalisticas.

Estão quasi terminadas as vindimas, parecendo que o ano foi farto em boteifa e erva molarinha.

No salão-recreio dos manos Grilos, continua cada passo a bambuchata do costume.

Uma d'estas noites o meu respeitavel amigo Calisto, *maire* cá da freguezia foi acometido d'um ataque de hidrofobia, sendo conduzido em padióla para o casino da Bernardina, onde lhe foi ministrada uma sôpa de burro caçado.

Consta aqui que a camara vae mandar proceder a uma higienica e rigorosa limpeza no craneo dos manos Berlatas.

Hontem pelas dez horas da noite, manifestou-se um pavoroso incendio na bouça do nosso amigo Reborada, que foi extinto pelo corpo de bombeiros do largo dos Penedos.

O mano gago proprietario dos Armazens Grandela desta povoação, na ocasião do incendio, deu uma queda ficando bastante danificado na *torre da berlatices*.

Como estava porem garantido com o seguro de vida, exigiu-o imediatamente, sendo coberto pelo *barrão*, e assim indemnizado dos prejuizos de tão fatal acontecimento.

A firma Lemos & C.ª vae montar nas azenhas do Lapuz, uma fabrica de electricidade, a fim de fornecer energia electrica a todos os carros dos alquiladores d'essa vila.

E com isto não os enfado mais, pois o de Torres, já me está a transtornar a pinha.

GRISMA

Com a visita do snr. arce-bispo a esta villa e a sua hospedagem no palacete Gaiolas, foi grande, muito grande até, o numero de pessoas desta vila que perante sua reverendissima compareceram a solicitar-lhe a mudança de nome.

O snr. arce-bispo, que a todos queria contentar, mas que não tinha tempo de sobra para dar a bofetada do estilo nas faces dos pretendentes, viu-se entre as dez e as onze e quasi se resolvia a desistir de tão numeroso baptismo, quan-

do o sôr Albino lhe propoz o seguinte:—Mande vossa reverendissima que todos lhe entreguem uma especie de lista com o nome que teem e qual o que desejam, e depois, dando uma valente bofetada no Gaiolas, bofetada que valha pelas que teria a dar, todas somadas, faz-se uma lista, com os novos nomes, que vossa reverendissima assinará, e que eu publicarei na «Folha», na primeira ocasião oportuna».—

O snr. arce-bispo, radiante de alegria e vendo por esta forma resumido tão estupante serviço, assim deliberou e fez saber aos requerentes que logo confeccionaram as suas listas e sua reverendissima levou na malinha para Braga.

Terminado o serviço e deitada a carta ao correio veio esta, por engano do carteiro, parar-nos ás mãos com bastante espanto nosso mas também com muita satisfação nossa, porque, além de evitarmos trabalho ao sôr Albino, viamos já alcançados cem dias de indulgencias, se no «Sardão» déssemos á estampa a lista dos crismados.

A letra do snr. arce-bispo é um pouco tremula e difficil de compreender, mas, mesmo assim, apuramos os seguintes nomes que de hoje para o futuro ficarão a vigorar nos escritos officiais e particulares:

- O Miguel Zanolho—Miguel de Jesus
- O Pirolé—Manuel dos Santos
- O Cagaio—Joaquim Martins
- O Zé da Mãe—José Joaquim d'Oliveira
- O Chuva—Manuel Dantas
- O Grilo—Antonio Linhares
- O Capador—Antonio Martins
- O Rouquinho—João Amaral
- O Abade—Antonio Luiz Domingues
- O Cagalhufas—Manuel Domingues
- O Russo—Manuel da Cruz Lima
- O Mata Sete—Manuel Miranda
- O Panela—Manuel Ferreira
- O Pegas—Manuel Martins
- O Larôla—José da Silva
- O Pae Pote—João Ferreira
- O Trompa—Joaquim José d'Oliveira
- O Caganito—Thomé Agostinho de Carvalho
- O Cara Alta—Thomaz da Silva
- O Tunico—Manuel Fernandes
- O Seleiro—Manuel da Silva
- O Carequinha—Rodrigo do Nascimento
- O Bitraco—Domingos José Barbosa
- O Serra Micaca—José Antonio Barbosa
- O Tecelão—José Joaquim Pereira
- O Sarrilha—Manuel da Silva
- O Viajante—Augusto Bandeira
- O Gaiolas—Joaquim Alexandre
- O Lampeanista—João Vilas Boas

- O Fradinho—José Fidalgo
- O Rabicho—Daniel José Alves
- O Jejum—José do Amaral
- O Zé do Taxo—José Rodrigues Teixeira
- O Remelica—Augusto Mota
- O Lapato—Manuel de Faria
- O C...de Cebo—Antonio Duarte
- O Tôca—João Martins
- O Caroca de Fão—João Augusto d'Oliveira Pinto
- O Mota—Antonio Mota
- O Cabeleira—Manuel José Teixeira
- O Sôpa—Germano Paes de Faria

Muitos mais nomes se encontram na referida lista, que não pudémos decifrar.

Ainda chegamos a telefonar para Braga mas á hora a que o fizémos encontrava-se o snr. arcebispo a dormir a sêsta e não podia falar a ninguém.

Vamos-lhe escrever pela mala-posta e logo que ele nos responda concluiremos a lista.



COISAS QUE DESAGRADAM

Termos imperiosa necessidade de ir á *retrête* e esta achar-se occupada.

—Estarmos a comer qualquer manjar *que não tenha espinhas* e fugir-nos uma migalha para a respiração.

—Seremos apanhados em colloquio com a sopeira, pela nossa cara metade.

—Dispormo-nos a dormir, e seremos embaladoe pelo zunido e picadelas dos mosquitos.

—Não sabermos que resposta dar a quem de nós solicita um favor que não podemos ou não queremos fazer.

—Sujarmos uma bota em *qualquer coisa* que cheire mal e em seguida entrarmos numa sala onde haja senhoras.

—Encontrar um sedoso cabelo enredado no pão do almoço.

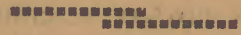
—Irmos de viagem com um cavalheiro de quem não gostamos.

—Partir-se-nos um cordão das botas e ter de lhe dar um nó por não se poder substituir na ocasião.

—Apanharem-nos uma declaração de amor enviada a uma dama da nossa simpatia e andarem a mostra-la para se rirem de nós.

—Irmos um pouco atrasados para o comboio e depois de correr para o apanhar ve-lo partir quando estavamos proximos da estação.

—Ir a uma repartição publica e depois de esperar trez horas e ser insultado pelos empregados, não estarem bem os documentos que levavamos.



ANUNCIOS

ALVIÇARAS

Dão-se a quem disser do paradeiro dos zeladores municipais, uns sujeitos de aprazivel aspecto que em dias solenes costumam usar farda e chanfalho; e que teem por obrigação olhar pelas coisas do municipio.

VERDILHÕES

Trocam-se de boa vontade os que aqui existem, por outros ainda não aclimatados a este meio, afim de evitar a desordem que estão promovendo.

Ha urgencia na permuta.

JORNALEIROS

Precisa-se de uma boa meia duzia deles para acabar de encher de terra as galgueiras abertas para o assentamento da canalisação das aguas, e que se conservam aterradas até meio.

Quem estiver nas condições e possa esperar pelo dinheiro seis meses, dirija-se á Camara Municipal.

LAMPEANISTAS

Necessita-se de individuos habilitados á iluminação de torcida e que saibam fazer luz antes das dez horas da noite, para não economisar petroleo ao arrematante, visto agora anoitecer mais cedo.

Quem pretender dirija-se ao padre João.

VARREDORES

Que saibam também lavar mijadeiros, precisam-se para andar ao jornal por conta do *Domus Municipalis*.